

INTRODUÇÃO

No início do ano de 2020, o mundo todo deparou-se com a pandemia do covid-19. É um vírus que se propagou mundialmente causando síndrome respiratória aguda em seus infectados. A letalidade varia entre a faixa etária e a condição clínica de saúde do sujeito. Frente a isso, a fim de evitar a disseminação do vírus e, conseqüentemente, as mortes causadas por ele, a população teve que adaptar-se às medidas de distanciamento social impostas pelos órgãos públicos de saúde (Schmidt et al., 2020).

Dentre as medidas estabelecidas, destaca-se o isolamento social, com o objetivo de estabelecer a distância física entre as pessoas, evitando, assim, a aglomeração a fim de reduzir o contágio. Portanto, permaneceram em funcionamento apenas as atividades consideradas essenciais. Frente a isso, houve a adaptação de novas tecnologias pelos cidadãos com a finalidade de manter o contato social, práticas laborais e escolares. Deste modo, o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) foi o meio encontrado pela população para manter o contato e as relações sociais. Neste contexto, nota-se que as TICs adentraram significativamente na vida da população, tornando-se um meio indispensável para as pessoas manterem as relações com amigos, familiares, etc. (Hammerschmidt; Santana, 2020).

As instituições de ensino foram as primeiras a fecharem. Portanto, para evitar o fechamento e paralisação das Instituições de Ensino e proceder com as aulas no país, independentemente do grau de ensino, as instituições de educação com modalidade de ensino presencial necessitaram de uma lei que regulamentasse a realização das aulas através das tecnologias de informação e comunicação. A alternativa encontrada pelos órgãos de educação foi a modalidade remota emergencial, de caráter provisório. Frente a isso, nasce a Lei Nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que “estabelece normas educacionais a serem adotadas, em caráter excepcional, durante o estado de calamidade pública” (Brasil, 2020a, s/p). Esta lei propõe que as atividades pedagógicas do ensino superior sejam autorizadas a funcionarem através das tecnologias de informação e comunicação enquanto a situação pandêmica persistir.

Esta lei abarca a educação infantil, o ensino fundamental, médio e superior, estabelecendo “normas educacionais a serem adotadas, em caráter excepcional, durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.” (Brasil, 2020a, s/p). Também entra em vigor a portaria Nº 343, de 17 de março de 2020, que “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19.” (Brasil, 2020b, s/p). Estas regulamentações são consideradas uma estratégia para que os alunos de diversos graus de escolaridade não perdessem o ano letivo.

Assim, diante da pandemia, com o objetivo de atender a toda a comunidade do ensino superior, até mesmo os grupos de risco do covid-19, houve uma adaptação na forma de ensino nos cursos presenciais. A alternativa encontrada pelos cursos superiores foi o cumprimento do ensino remoto provisório e emergencial, substituindo as aulas presenciais para aulas remotas, contemplando atividades de aulas síncronas e assíncronas. Cada modalidade de ensino possui suas especificidades e características que se diferenciam entre si (Vieira, *et. al*, 2020).

Diante desta perspectiva, os alunos presenciaram uma brusca mudança na forma de ensino, pois estavam acostumados com aulas presenciais e viram-se obrigados a se adaptarem com as aulas remotas, caracterizadas como a “adaptação ao uso de recursos

tecnológicos e ferramentas de tecnologia de informação, no entanto, sem alterar a metodologia das atividades presenciais, mantendo o projeto pedagógico do ensino presencial” (Vieira *et al*, 2020, p. 3). Frente a isso, este estudo propõe analisar o processo de aprendizagem no ensino remoto emergencial em comparação às aulas presenciais de alunos de dois cursos de psicologia em municípios do interior do Rio Grande do Sul.

Tendo em vista a rápida mudança na modalidade do ensino presencial para o remoto, as instituições de ensino superior presenciais necessitaram de implementação e adaptação na utilização das TICs e plataformas digitais para dar continuidade às aulas. Portanto, os estudantes também precisaram se adequar às tecnologias e plataformas de ensino. Os alunos dos cursos de psicologia, até o surgimento da pandemia, estavam acostumados com as aulas presenciais. Porém, tiveram que se adaptar com o ensino remoto de uma forma rápida (Pasqualetto; Domingos; Rios, 2021).

Um novo paradigma de ensino

O ensino remoto, conforme Grossi (2021), não é considerado uma modalidade de educação pelo MEC, pois ela possui caráter emergencial. Contudo, é uma estratégia pedagógica devido ao surgimento da pandemia, pois as aulas precisaram continuar ocorrendo para não atrapalhar o ensino e aprendizagem dos estudantes, nem perder o ano letivo. Frente a isso, Grossi (2021, p. 9) esclarece que:

O ensino que vem sendo ofertado durante a pandemia da COVID-19, em caráter emergencial, temporário e mediado pela tecnologia, é o ensino remoto. Esse não é considerado EaD (que é uma modalidade de educação bem estrutura e organizada para um público mais adulto) e também não é *homeschooling* (que é uma proposta de ensino doméstico sem a participação de uma instituição de ensino). Portanto, o ensino remoto que vem sendo praticado durante as suspensões das aulas é uma estratégia pedagógica que se assemelha ao ensino híbrido, não sendo considerado uma modalidade de educação. Além disso, destaca-se que não há a intenção governamental de torná-lo um novo sistema educacional.

As aulas remotas são comumente confundidas com a Educação à Distância (EaD), pois em ambas são utilizadas tecnologias como meio de ensino, em que o aluno realiza as atividades em casa. Outra semelhança é a distância física entre alunos e professores. Contudo, “nas aulas remotas, o uso da investigação transforma os alunos em sujeitos mais ativos na construção de conhecimentos.” (Souza, 2020, p. 6), pois o estudante dispõe de aulas síncronas (ao vivo) com os colegas e professores. Assim, ele desfruta da socialização com os demais estudantes e professores (Souza, 2020).

O ensino remoto veio para substituir temporariamente as aulas presenciais, contemplando atividades de aulas síncronas e assíncronas. Convém ser importante descrever estes dois momentos de aprendizagem e ensino, pois cada um contém suas particularidades. A primeira - as aulas síncronas – ocorre com a presença em tempo simultâneo/ao vivo com o professor através de plataformas digitais, podendo o aluno sanar suas dúvidas em tempo real e momentaneamente com o discente e com os demais colegas. Há um horário a ser cumprido e é realizado no mesmo horário das aulas presenciais. Nas aulas assíncronas, não ocorre a interação em tempo real entre professores e acadêmicos. As aulas são gravadas pelo docente e disponibilizadas em um ambiente virtual de ensino. (Vieira, *et. al*, 2020).

O ensino remoto emergencial não é o mesmo que Educação à Distância (EaD). Nesta última modalidade, os alunos têm atividades e avaliações para cumprir, não havendo interação síncrona entre professor e aluno e nem um horário a ser cumprido,

cabendo ao aluno decidir qual momento do dia deseja acessar as aulas. (Vieira, *et. al*, 2020).

De fato, a pandemia proporcionou algumas reflexões e questionamentos acerca da educação, colocando em pauta o modelo tradicional, remoto e EaD. Todas as modalidades possuem suas potencialidades e dificuldades e ninguém melhor para apontá-las do que os próprios estudantes. São eles que vivenciaram estas formas de ensino-aprendizagem. (Souza, 2020).

Medidas provisórias às Instituições de Ensino Superior

O vírus da covid-19 espalhou rapidamente para diversos países, obrigando-os a promoverem o distanciamento social e medidas protetivas para evitar a disseminação do vírus. No Brasil, o isolamento social, na tentativa de frear a disseminação do vírus, culminou na suspensão das atividades comerciais e escolares. Contudo, para dar prosseguimento às atividades acadêmicas, independentemente do grau de ensino, o governo precisou estabelecer políticas e diretrizes para o prosseguimento das aulas nas instituições de ensino, pois não havia previsão de imunização da população contra o vírus (Freitas; Santos, 2021).

Diante disso, em 18 de agosto de 2020, nasce a Lei Nº 14.040, após o decreto de calamidade pública (Brasil, 2020a). Esta lei abarca a educação infantil, o ensino fundamental, médio e superior, estabelecendo “normas educacionais a serem adotadas, em caráter excepcional, durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.” (Brasil, 2020a, s/p). Também entra em vigor a portaria Nº 343, de 17 de março de 2020, que “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19.” (Brasil, 2020b, s/p). Estas regulamentações são consideradas uma estratégia para que os alunos de diversos graus de escolaridade não perdessem o ano letivo.

Frente a alternativa encontrada pelo Estado, permitindo as instituições de ensino superior implementarem a modalidade remota emergencial, fez com que estas instituições buscassem estratégias de implementação das aulas remotas, cada uma com sua especificidade (Gonçalves; Leite; Araujo, 2021).

As TIC's tiveram um papel muito importante, pois possibilitaram que os alunos desfrutassem de aulas *onlines* através das plataformas digitais. A metodologia de ensino modificou-se e ampliou-se, proporcionando aos acadêmicos novas formas de apreender informações (Gonçalves; Leite; Araujo, 2021). É inevitável a aproximação das tecnologias à população, principalmente no meio acadêmico. Além de facilitar a comunicação e interação entre as pessoas, ela pode ser vista como uma aliada à prática pedagógica. Segundo Ferreira, Branchi e Sugahara (2020a) a pandemia pode ter acelerado a inserção das TIC's nos ambientes escolares, sendo vista como uma ferramenta facilitadora ao ambiente universitário.

Entre os anos 2020 e 2021, estando impossibilitada de retornar ao modelo tradicional/presencial (modelo pelo qual os alunos estavam acostumados), as instituições de ensino superior encontraram-se no dilema de “reconstruir o espaço da sala de aula [...] dedicado ao processo de aprendizagem e ao convívio.” (Ferreira; Branchi; Sugahara, 2020a. p. 22). Com a implantação das tecnologias na aprendizagem remota, o aluno viu-se diante de uma nova forma de realizar as atividades acadêmicas e também uma nova

modalidade de avaliação e ensino-aprendizagem. Frente a isso, é possível ir ao encontro de facilidades e desafios das aulas remotas experienciadas pelos estudantes. Deste modo, pelo fato de estudarem em casa e através das TIC's, os discentes estavam sujeitos a algumas dificuldades, como, por exemplo, impasses para assistir as aulas síncronas, fraca conexão com a internet e não disporem de um ambiente adequado que permitisse focar nas aulas. Por outro lado, podemos citar algumas vantagens do ensino remoto em comparação ao presencial: não há a necessidade de deslocamento até a universidade e nem ruídos (conversas paralelas) que, até então, atrapalhavam na sala de aula. (Ferreira; Branchi; Sugahara, 2020b).

Além dos desafios encontrados no ensino remoto, Ferreira, Branchi e Sugahara (2020b, p. 140) estabelecem que

Além dos efeitos psicológicos acarretados por conta da gravidade da doença, para dar continuidade ao ensino houve a necessidade de criar alternativas para propiciar a interação no processo de ensino entre os diversos elementos envolvidos no processo - alunos, professores, gestores, funcionários – que integram a Universidade. A começar pelo conhecimento de tecnologias que suportam o ambiente de aprendizagem de forma remota. Dentre as plataformas digitais utilizadas no ensino superior, pode-se citar ferramentas disponibilizadas por empresas como: *Google, Microsoft, Facebook*, entre outras.

Apesar de as tecnologias estarem ganhando grande importância no mundo todo, nem todo acesso às TIC's ocorre de forma igual para as pessoas, pois vivemos em um país desigual economicamente. Em relação ao ensino remoto via TICs, nota-se que nem todos os estudantes possuem acesso a aparelhos, pois não apresentam recursos financeiros para isso. Outro problema é o acesso à internet que não é igual para todos, pois o sinal pode oscilar. A pandemia fez com que os professores, além de precisarem adaptar-se às tecnologias, necessitaram preparar-se para o manuseio das TICs. Também, disponibilizar um local apropriado para ministrar as aulas (Freitas; Santos, 2021).

O grande desafio para o retorno das aulas é a questão do acesso à internet e material tecnológico que, embora vivamos na era de informatização, em que, as tecnologias vêm ganhando um grande espaço no mundo, muitos usuários não disponibilizam de recursos financeiros para aquisição de aparelhos e, quando têm, o problema se estende a uma internet que nem sempre suporta o acesso diário de uma forma contínua. Além de que, outros obstáculos devem ser enfrentados pelos profissionais e alunos na educação, sejam eles os obstáculos por falta de preparo, em capacitar-se com a nova realidade virtual, partindo do princípio de manusear os próprios equipamentos tecnológicos e se estendendo a um local adequado para ministrar/estudar os conteúdos. Levando o entendimento de ser um dos empecilhos a realização das aulas por meio remoto (Freitas; Santos, 2021, p. 3).

Mudar a modalidade das aulas tradicionais para uma outra modalidade na qual nunca se teve acesso é desafiador, tanto para os professores quanto para os alunos. Dessa forma, foi necessário um novo olhar sobre dar aulas, onde pudesse ocorrer a interação entre professores e colegas de forma remota. Frente a isso, o professor necessitou usar a criatividade a fim de manter discussões nas aulas. A pandemia permitiu mostrar a docentes e discentes novas maneiras de oferecer a aprendizagem, e uma delas é através das tecnologias. Apesar de todas as dificuldades, este meio pedagógico de ensino também possui potencialidades (Freitas; Santos, 2021).

A complexidade da aprendizagem

Ensinar é transmitir um conhecimento, mas, nem sempre o que é transmitido é apreendido pelo aprendente. Por isto, neste tópico abordamos uma dimensão tão presente e importante no processo de ensino-aprendizagem: o afeto. O aprender é um ato onde o ensinante transmite o conhecimento e o aprendente, através da inteligência, cognição, afetividade e processo relacional, transforma o que está sendo ensinado por meio da autonomia, criatividade e pensamento reflexivo (Almeida, 1993,).

Cada ser humano constrói sua relação com a aprendizagem de forma única. O meio ambiente e o ensinante influenciam neste processo. Se a aprendizagem envolve a assimilação do que foi transmitido, o aluno está implicado relacionalmente no ato de aprender ou não. Não basta apenas a transmissão do conteúdo passivamente. O aluno torna-se ativo frente a este processo de acordo com o grau de inteligência e a afetividade relacional que mantém com o ato de aprender.

Se os afetos, as emoções, têm íntima ligação com a inteligência e vice-versa, e se o ato de ensinar-aprender ocorre num processo relacional, vincular, necessariamente, essa relação terá de levar em consideração, no seu *modus operandi*, toda a variada gama de expressões dos afetos e das emoções, presentes na relação professor-aluno e, conseqüentemente, na transmissão e apropriação do conhecimento (Almeida, 1993, p. 40).

A relação que o aluno e professor estabelecem tanto na transmissão do conhecimento como na aquisição de conteúdo, engendra a vinculação que o estudante estabelece com a aprendizagem. Além da mera exposição do conteúdo, é necessário que o estudante assimile o que está sendo transmitido pelo professor, transformar em sentido o que está sendo dito e ensinado. Aprender não consiste apenas em decorar e reproduzir conteúdo. É necessário também momentos de reflexão e assimilação para pensar criticamente sobre o que é ensinado (Fernandez, 2001).

O processo de aprender está presente desde a infância através da vinculação da criança com a mãe, o pai e os irmãos. Conforme Fernandez (1990), a aprendizagem, há muito tempo, era vista apenas como um produto da consciência e cognição do sujeito. Mas, com o passar do tempo, evidenciou-se que existem outros processos na aprendizagem humana, principalmente a afetividade e a relação que o aluno mantém com a aprendizagem.

Fazendo uma simplificação, uma abstração do processo de aprendizagem, encontramos-nos ante uma cena em que há dois lugares: um onde está o sujeito que aprende e o outro onde colocamos o personagem que ensina. Um pólo onde está o portador do conhecimento e outro pólo que é o lugar onde alguém vai tornar-se um sujeito. Quer dizer que não é sujeito antes da aprendizagem, mas que vai chegar a ser sujeito porque aprende. (Fernandez, 1990, p. 51).

As aulas remotas foram mediadas pelas tecnologias, um lugar onde não há aproximação física entre alunos e professores. Os estudantes entrevistados se depararam com uma realidade bem diferente daquela que estavam acostumados: deixar a sala de aula para ficar em frente ao computador. Em meio a este processo, foram percebidas diferenças em relação a modalidade remota e a presencial, cada uma com suas características “positivas” e “negativas”. O ensino mediado por uma tela de computador, visto a importância das relações no processo de aprendizagem, questionamos se esta forma de ensino produz pensadores críticos que efetiva a aprendizagem.

MÉTODO

Participantes

Participaram da pesquisa 77 estudantes de psicologia de uma universidade no interior do Rio Grande do Sul, entre o quinto e o décimo segundo semestre do curso ($M = 8$), sendo 88,3% ($n = 68$) do sexo feminino e 11,7% ($n = 9$) do sexo masculino. Os entrevistados são estudantes de um município que fica no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Os participantes que não se enquadraram nos critérios de inclusão de ter realizado disciplinas de forma remota no período da pandemia e que anteriormente ou posteriormente ao momento pandêmico tiveram aulas presenciais, não foram contabilizados nos dados da pesquisa.

Instrumentos

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário de entrevista estruturado via plataforma *Google Forms*, onde consta na primeira página o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O questionário aborda inicialmente perguntas sobre o gênero e o atual semestre. Após, questões sobre as experiências dos acadêmicos de psicologia sobre as aulas remotas em relação a aprendizagem, comparadas às aulas presenciais. As escalas das respostas para avaliar a relação dos alunos sobre a aprendizagem variaram de 1 a 5. Escalas diferentes foram atribuídas às questões, como 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), 1 (pouco efetivo) a 5 (muito efetivo), 1 (pouco confiante) a 5 (muito confiante), 1 (pouco suficiente) a 5 (muito suficiente), conforme escala Likert de 5 pontos. Posteriormente, com intuito de avaliar as principais dificuldades e facilidades, elaborou-se questões de múltipla escolha.

A seleção dos participantes da pesquisa ocorreu através do contato com alunos conhecidos pelos autores do projeto. O método foi da amostragem por bola de neve (Vinuto, 2014), em que é solicitado que cada participante indique outro estudante de psicologia da universidade que se enquadre nos critérios de inclusão e que demonstra interesse em participar da pesquisa.

Procedimentos

O contato com cada estudante foi realizado pelo *WhatsApp* particular de cada um com o intuito de coletar os dados, sendo convidados a responder o instrumento. Após, o aluno que demonstrou interesse, recebeu em seu *WhatsApp* ou *e-mail* particular, conforme sua preferência, o link de acesso ao *Google Forms*. Não houve, em nenhum momento da pesquisa, a identificação dos participantes.

ANÁLISE DE DADOS

Os dados resultantes da coleta foram analisados no programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) for Windows 20.0, através da estatística descritiva (frequência e percentual). Segundo Prodanov e Freitas (2013), a coleta na pesquisa descritiva inclui técnicas, como questionário e formulário, em que o pesquisador caracteriza, explica e interpreta os fatos sem intervir nos dados, ou seja, realiza um levantamento dos dados coletados. Após, é feita uma discussão dos resultados obtidos, relacionando com o processo da aprendizagem humana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira parte, a intenção é verificar como foi a experiência em relação ao processo de aprendizagem dos alunos de psicologia com as aulas remotas em comparação às aulas presenciais. Posteriormente, são apontadas as principais facilidades e dificuldades associadas a este processo. Por fim, correlacionamos os resultados com um olhar crítico sobre aprendizagem e os processos envolvidos.

Na primeira questão, ao serem questionados sobre a efetividade do ensino remoto no processo de aprendizagem, em uma escala de 1 (pouco efetivo) a 5 (muito efetivo), as maiores escalas concentraram-se em 3 (37,7%) e 4 (33,8%).

Na questão seguinte, em escalas entre 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), em que os estudantes comparam se às aulas remotas relacionadas às aulas presenciais têm a mesma qualidade de aprendizagem, a maioria deles marcaram as opções 2 (29,9%) e 3 (31,2%), conforme gráfico 1.

Inserir Gráfico 1.

Conforme evidenciado na primeira e na segunda questão, não houve queda significativa no processo de aprendizagem com a modalidade remota. Contudo, compreende-se que a tendência dos alunos é discordarem que as aulas remotas tem a mesma qualidade das aulas presenciais. O porquê de as duas modalidades não terem a mesma qualidade, podemos apontar alguns fatores identificados em outros estudos, principalmente em pesquisas feitas com professores. (CORD; MARQUES; FREITAS, 2021; KLINKO; CARVALHO, 2021; RIBEIRO; CAVALCANTI; PIMENTEL, 2021).

A mudança do espaço da sala de aula presencial para o ensino remoto foi repentina. A intenção dos órgãos educacionais, frente a situação da pandemia, foi o de adaptar as metodologias utilizadas no ensino em sala de aula para o ensino mediado pelas tecnologias. Isso significa dizer que os professores necessitaram adaptar-se às TIC's de uma maneira muito rápida, mais do que estavam acostumados. Apesar de os professores se esforçarem para propiciar o mesmo espaço da sala de aula presencial, a mediada pela tecnologia não é a mesma coisa. Cada uma das modalidades tem suas características próprias. Dessa forma, não basta apenas aplicar nas aulas remotas os recursos metodológicos e didáticos feitos para a sala de aula, pois envolve formas de aprender e ensinar em diferentes espaços. Por isso a importância de levar em conta a situação de cada aluno, onde eles podem apresentar conexão fraca com a internet, local inapropriado para o estudo, dentro outras dificuldades que influenciam na qualidade da aprendizagem. (CORD; MARQUES; FREITAS, 2021; KLINKO; CARVALHO, 2021; RIBEIRO; CAVALCANTI; PIMENTEL, 2021; DIOGO; ASSIS, 2021).

Frente ao exposto, em outra questão relacionada à qualidade do ensino remoto comparado a aula presencial, podemos afirmar que a maioria dos alunos considera que a qualidade do ensino remoto, em comparação às aulas presenciais, piorou um pouco (63,6%).

Inserir Gráfico 2.

Este dado vem de encontro com a reflexão que propomos a fazer. Além de precisar levar em conta o contexto de cada aluno – mencionado anteriormente – evidenciou-se, principalmente por parte dos professores, a demanda de utilizar uma metodologia de ensino-aprendizagem que levasse em conta o contexto momentâneo (alunos em suas casas, oscilação na conexão de internet, falta de local de estudo, distração) e se familiarizar com recursos tecnológicos. Além disso, professores necessitaram elaborar mais atividades assíncronas para manter os alunos engajados nas aulas. (ALVES, 2020; KLINKO; CARVALHO, 2021; RIBEIRO; CAVALCANTI; PIMENTEL, 2021).

A didática de ensino metodológica que temos hoje foi feita para ensinar em sala de aula presencial. As aulas remotas foram uma adaptação das aulas presenciais, contudo, não é a mesma coisa que na sala de aula. Talvez necessitasse de uma nova metodologia de ensino que leve em conta o fato de os alunos estarem em casa, na frente de um computador, onde internet oscilam o tempo todo. A incompatibilidade metodológica possa ser um dificultador em alguns aspectos da aprendizagem pelo computador. Assim, o fato de os alunos afirmarem que a qualidade do ensino piorou um pouco, pode estar relacionado a migração da sala de aula presencial para outra mediada pelas tecnologias, onde os professores viam-se em uma nova realidade de ensinar, encontrando dificuldades neste processo de passar de uma modalidade de ensino para outra. (VIEIRA, et al., 2020; PEREIRA et al., 2020; ALVES, 2020; KLINKO; CARVALHO, 2021).

Outro ponto é o fato de que os acadêmicos necessitam ter um ambiente organizado e propício para o estudo em casa, além de equipamentos eletrônicos adequados e acesso à internet. Mas essa realidade, para alguns, não é possível, já que estudos apontam interferências externas influenciando na aprendizagem. (RIBEIRO; CAVALCANTI; PIMENTEL, 2021).

Questionados se, levando em consideração os conteúdos que foram aprendidos durante as aulas remotas, sentem-se confiantes com o conhecimento adquirido, através de uma escala de 1 (pouco confiante) a 5 (muito confiante), as alternativas mais frequentes foram a 3 (29,9%) e a 4 (31,2%).

No gráfico 3, onde aponta se a forma como os conteúdos foram ministrados durante as aulas remotas foi o suficiente para adquirir um bom conhecimento, em que os participantes deveriam marcar uma escala de 1 (pouco suficiente) a 5 (muito suficiente), verifica-se novamente, assim como nas perguntas anteriores, dispersão nas respostas. As maiores porcentagens concentram-se entre as alternativas 2 (24,7%) e 3 (35,1%).

Inserir Gráfico 3.

Novamente os resultados demonstram que não houve queda considerável na aprendizagem. Os professores necessitaram utilizar outros recursos metodológicos para manter o aluno prestando atenção nas aulas, como, por exemplo, recursos de áudio e vídeo. Mas, muitos docentes ficaram inseguros se os alunos estão de fato prestando atenção no conteúdo exposto ou realizando outras atividades na casa, pois um dos maiores apontamentos foi o fato de os estudantes ficarem com as câmeras fechadas, onde os

professores não tinham como saber se de fato o discente estava na aula e, conseqüentemente, aprendendo. O espaço do ensino e aprendizagem de forma remota invadiu outros espaços da casa, não sendo possível identificar se o aluno está em um ambiente propício para prestar atenção. (RIBEIRO; CAVALCANTI; PIMENTEL, 2021).

As aulas remotas exigiram mais do aluno frente seu processo de aprendizagem, principalmente no quesito disciplina e autonomia. Necessitaram realizar um esforço maior para manter concentração e engajamento durante as aulas, além da realização de outras atividades e tarefas nas disciplinas acadêmicas além das aulas síncronas. (ALVES, 2020)

Outro fator importante no período das aulas remotas destacamos o isolamento social decorrente da pandemia, acarretando adoecimento psicológico e emocional nos discentes. Este adoecimento pode impactar significativamente o empenho e engajamento nas aulas presenciais virtuais, prejudicando a aprendizagem e aquisição de conhecimento. (ALVES, 2020).

Para aqueles estudantes que consideram o ensino remoto mais efetivo que o presencial, a resposta pode ser encontrada nas facilidades percebidas pela amostra. Evitar o deslocamento até a universidade (93,5%), conforto (79,2%), poder assistir a aula novamente (72,7%), praticidade (71,4%) e redução de custos (66,2%) foram as principais facilidades encontradas pelos alunos de psicologia no período das aulas remotas, conforme gráfico 4.

Inserir Gráfico 4.

Estes pontos positivos elencados pelos acadêmicos também estão presentes em outros estudos com professores do ensino superior, que relatam como maior vantagem das aulas remotas o fato de não ser necessário o deslocamento até a universidade, sendo, assim, evitando gastos. (RIBEIRO; CAVALCANTI; PIMENTEL, 2021).

Tendo em vista os acadêmicos que apontaram que a qualidade do ensino presencial supera a do ensino remoto e aqueles alunos que não mantiveram o mesmo desempenho nas duas formas distintas de ensino, elencamos como possíveis causas as dificuldades mais frequentes dos alunos. Dentre elas, destacamos a falta de socialização com colegas e professores (72,7%), a dificuldade de concentração (62,3%), manter a produtividade (55,8%) e interferências externas (54,5%), conforme gráfico 5.

Inserir Gráfico 5.

Os dados apresentados mostram-se bastante heterogêneos, em que a maiorias dos alunos “ficou no meio” ao serem questionados sobre a efetividade da aprendizagem, afirmando que não houve queda significativa nela nas disciplinas teóricas, com a modalidade remota. Desse modo, conforme os estudantes, o ensino emergencial deu conta do processo de aprendizagem dos alunos, mesmo que em proporção menor. Para aqueles que apontaram desempenho menor, podemos verificar as possíveis causas nas principais dificuldades elencadas pelos estudantes.

A falta de socialização foi considerada a maior dificuldade enfrentada pelos universitários. Isso implica dizer que houve uma queda de momentos proporcionados para discussões, bem como na interação ativa entre alunos e professores na construção da

aprendizagem e pensamento reflexivo. Frente a isso, destacamos que o processo de aprendizagem humano, conforme Almeida (1993), vai muito além do que apenas deter capacidades intelectuais e cognitivas. No aprender envolve um item muito importante: a afetividade e a relação professor-aluno. Estes itens proporcionam vínculo entre aquele que ensina e aquele que aprende, facilitando, assim, a aquisição e elaboração do conteúdo pelo aluno. Conforme a autora, precisamos do outro (sujeito) para aprender.

Conforme pesquisa feita com alunos da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), de acordo com Vieira *et. al* (2020), para que o ensino tenha um alto grau de aproveitamento, há a necessidade de haver troca de conhecimentos e experiências, pois intensifica a absorção do conteúdo aprendido. Deste modo, os autores concluíram que o ensino remoto exige muito do discente, da sua capacidade de se adaptar às mudanças, porque não há contato direto com o docente para sanar dúvidas e parte do conteúdo terá de ser compreendido sozinho. Contudo, a interação entre professores e alunos é maior e mais proveitosa na modalidade presencial devido à comunicação direta. Em um outro estudo sobre o impacto das aulas remotas no ensino superior em uma universidade de Alagoas, constatou que 60% dos estudantes tiveram dificuldade de comunicação com os professores, resultando em um menor tempo de contato com o docente (Oliveira; Natividade; Silva, 2021).

Fernandez (2001), destaca que o ser humano, através da relação com outro desde a infância, vai manter esta mesma relação com o processo de aprendizagem. O aluno, a partir daquilo que for ensinado a ele, vai transformar isso que está sendo dito e vivido. Assim, para estas autoras, o aluno não pode ser um mero objeto onde se deposita o conhecimento. Ele precisa ser processado, pois o ensinar e o aprender envolve o pensamento reflexivo, autonomia, criatividade e interação.

Conforme Almeida (1993, p. 31),

Não há ato de ensinar-aprender sem a mediação concreta de sujeitos humanos, não havendo, portanto, relação ensino-aprendizagem sem que haja atuação indissociável entre inteligência, afetividade e desejo.

Apesar de os alunos afirmarem como aspecto positivo que no ensino remoto há maior flexibilidade em estudar e poder conciliar com outras atividades, no estudo feito por Piffero *et. al.* (2020) em uma escola do oeste do Rio Grande do Sul, percebeu-se que apesar da flexibilidade de horários e atividades, houve grande complexidade e dificuldade para os alunos organizarem uma rotina que fosse proveitosa para o desenvolvimento escolar durante o período das aulas remotas.

A grande questão que tentamos levantar é se a aula realizada através de uma tela de computador produz o efeito de vinculação com a aprendizagem, especialmente no quesito de promover pensamento crítico e reflexivo, já que as autoras relatam a importância de outros processos no ensino-aprendizagem além da mera transmissão do conhecimento (Fernandez, p. 2001; Almeida, 1993). Já que a maioria dos estudantes sentiram como principal dificuldade a falta de socialização durante as aulas remotas, que é um elemento tão importante na aprendizagem, questiona-se se as aulas virtuais, mesmo que síncronas, proporcionam o pensamento reflexivo e, conseqüentemente, a aprendizagem, ao invés de apenas depositar informações.

Outro fator que também permite esta reflexão é que a maioria dos acadêmicos de psicologia afirmaram que a aprendizagem piorou um pouco com as aulas remotas, e o

porquê desta piora tentamos compreender através de outros pontos além da inteligência e cognição que estão ativamente envolvidos neste processo. Aprender é muito mais do que mera repetição de teorias, é dar sentido ao que está sendo apreendido. Mas, para que este processo ocorra, é importante ter capacidade de pensamento crítico, reflexivo e a afetividade com o aprender (Almeida, 1993).

Conforme estudo de Ribeiro, Cavalcanti e Ferreira (2021), um dos grandes problemas encontradas pelos professores na modalidade remota, foi o fato de os alunos permanecerem com as câmaras fechadas durante as aulas. Assim é muito mais fácil que o aluno se distraia com outros estímulos presentes no ambiente, pois não dá pra saber se o aluno realmente está assistindo as aulas. Isso implica no ensinar e no aprender, pois o ensinar também envolve o processo relacional do aprendente. Diante do exposto, questionamos a relação que é estabelecida entre o professor e os alunos na sala de aula virtual. Será que o processo de aprendizagem envolvendo todos os fatores influenciadores já mencionados, é o mesmo da sala de aula presencial? Se não, como fica o processo relacional do estudante frente à aprendizagem?

É claro que os alunos entrevistados sabiam que as aulas remotas não durariam para sempre. Em algum momento, voltariam à modalidade presencial. O modelo remoto emergencial veio como a única medida possível para seguir com o andamento dos cursos presenciais. Então, os estudantes tinham conhecimento que precisariam, de alguma forma, se adaptar a este modelo de sala de aula, diferente da presencial. Os dados mostram que houve uma queda, por mínima que seja, na aprendizagem destes alunos. Além da falta de interação, houve dificuldade na concentração no espaço de aula virtual. Esta dificuldade surgiu justamente pelo fato de estarem em suas casas, em um local que dificultou o ensino e aprendizagem devido a interferências externas, como, por exemplo, circulação de familiares, barulhos de animais domésticos, uma gama de estímulos que podem causar distração no ambiente, dentre outros (Klinko, Carvalho, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi comparar o processo de aprendizagem das aulas presenciais para as aulas remotas de dois cursos de psicologia no interior do Rio Grande do Sul, e identificar as dificuldades e facilidades associadas ao ensino remoto emergencial. Após, foi elaborada uma reflexão frente a modalidade de ensino emergencial e sua consequência no ensino-aprendizagem para os alunos. No momento da elaboração deste estudo, haviam poucas publicações que relacionavam o ensino remoto e sua implicação na aprendizagem dos alunos.

Não basta apenas migrar o ensino presencial para um ensino mediado pela tela do computador. É preciso investigar as consequências desta modalidade na aprendizagem dos alunos, pois se a aprendizagem envolve a relação do aluno-professor, e a consequente interação das relações e afeto neste processo, cabe mais estudos para verificar se este aspecto, tão importante no processo de aprendizagem e formação de pensadores, é possível ser estabelecido de forma virtual.

Nas plataformas digitais, como o *Googel Meet* - plataforma onde os alunos do presente estudo tiveram suas aulas - o estudante e o professor detém a opção de deixar a câmera do computador aberta ou fechada, decidindo se querem ou não aparecer para os

demais integrantes da sala de aula virtual. Pode acontecer do aluno, em quase todas aulas, permanecer com a câmera fechada, não estando visível para os demais integrantes da sala de aula. A questão é o quão impactante isto pode ser na aprendizagem deste aluno, se aprender significa interagir e manter uma atividade relacional e dialógica.

Esta pesquisa, a partir dos dados coletados, se pergunta como estes processos (relação e afeto) funcionam numa aprendizagem mediada pelas tecnologias, pois o ensino, nos últimos anos, ultrapassa o espaço físico da sala de aula e estão cada vez mais presentes na vida da população e do aprendizado nas instituições de ensino.

Em síntese, espera-se que o estudo instigue uma investigação mais detalhada sobre os processos que envolvem o ensinar na tela do computador e o impacto frente a formação de pensadores críticos e reflexivos, bem como despertar o interesse na área da educação mediada pelas TIC's para verificar como ocorre os processo de aprendizagem por meio digital.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. F. C. de. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v.1, n. 1, p.31-44, abr. 1993. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X1993000100006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 25 jun. 2022.

ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. *Interfaces Científicas*, Aracaju, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 348–365, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>. Acesso em: 6 jul. 2022.

BRASIL. **Lei Nº 14.040, de 18 de agosto de 2020**. Brasília, DF: MEC, 2020a. Disponível em: < <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.040-de-18-de-agosto-de-2020-272981525>>. Acesso em: 29 set. 2021.

BRASIL. **Portaria n. 343, de 17 de março de 2020**. Brasília, DF: 2020b. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 29 set. 2021.

CORD, D.; MARQUES, M. G.; FREITAS, A. F.de. Sociodrama com estudantes universitários no contexto da pandemia por Covid-19. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 60-64, abr. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932021000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 jul. 2022.

DIOGO, M. F.; ASSIS, N. de. Atividades pedagógicas não presenciais em tempo de pandemia: contribuições a partir da psicologia histórico-cultural. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 21, n. 51, p. 491-508, ago. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 jul. 2022.

FERNANDEZ, A. O fracasso na aprendizagem. In: FERNANDEZ, A (Org.). **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 81-89.

FERNANDEZ, A. Sobre a teoria psicopedagógica. In: FERNANDEZ, A (Org.). **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1990. p. 40-53.

FERREIRA, D. H. L.; BRANCHI, B. A.; SUGAHARA, C. R. O impacto da COVID-19 no ensino superior: desenvolvimento de atividades remotas em matemática e em estatística. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 16, n. 43, p 138-146, 2020b. Disponível em: < <https://periodicos.utfpr.edu.br/rt/article/view/12209/7606>>. Acesso em: 30 set. 2021.

FERREIRA, D. H. L.; BRANCHI, B. A.; SUGAHARA, C. R. Processo de ensino e aprendizagem no contexto das aulas e atividades remotas no Ensino Superior em tempo da pandemia Covid-19. **Revista Praxis**, v. 12, n. 1 (Sup.), p. 19-27, dez. 2020a. Disponível em:< <https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/3464>>. Acesso em: 27 abr. 2022.

FREITAS, F. A. M. de; SANTOS, E. da S. Os entraves do ensino remoto para formação acadêmica no curso de ciências - biologia e química no IEAA/UFAM. **Revista Prática Docente**, v. 6, n. 1, p. 1-15, 2021. Disponível em:< <http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/2021-04-19>>. Acesso em: 01 out. 2021.

GONÇALVES, J. T. F.; LEITE, A. de S.; ARAÚJO, M. dos S. Aulas remotas durante a pandemia da COVID-19 no curso de Ciências Biológicas no Instituto Federal do Maranhão. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-15, jan./mar. 2021. Disponível em: < <https://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/rencima/article/view/2839>>. Acesso em: 16 set. 2021.

GROSSI, M. G. R. Usar tecnologias digitais nas aulas remotas durante a pandemia da COVID-19? Sim, mas quais e como usar? **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 24, e-15879.059, p. 1-12, 2021. Disponível em:< <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>> Acesso em: 29 set. 2021.

HAMMERSCHMIDT, K. S. A.; SANTANA, R. F. Saúde do idoso em tempos de pandemia COVID-19. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 25, e72849, 1-10, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72849>>. Acesso em: 28 set. 2021.

KLINKO, J.; CARVALHO, J. S. F. de. Escola remota: como resistir à domesticação da experiência escolar? **Estilos da Clínica**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 58-67, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/178236>. Acesso em: 25 jun. 2021.

OLIVEIRA, E. da S.; NATIVIDADE, J. dos S.; SILVA, J. A. da. Impactos das aulas remotas no ensino superior – estudo de caso. **Diversitas Journal**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 4116–4129, 2021. Disponível em: <https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/1762>. Acesso em: 30 jun. 2022.

PASQUALETO, O. de Q. F.; DOMIGOS, S. de O.; RIOS, V. C. De repente, aulas online: um relato de experiência docente no Ensino Superior em Direito durante a pandemia. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 24, e-16043.043, p. 1-8, 2021. Disponível em: < <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/16043>>. Acesso em: 16 set. 2021.

PEREIRA et al. Vivência de estudantes universitários em tempos de pandemia do Covid-19. *Revista Praxis*, v. 12, n. 1 (Sup.), p. 47-56, dez. 2020. Disponível em: <<https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/3458>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

PIFFERO, E. de L. F. *et al.* Um novo contexto, uma nova forma de ensinar: metodologias ativas em aulas remotas. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, Brasil, v. 6, p. e142020, 2020. DOI: 10.31417/educitec.v6.1420. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/1420>. Acesso em: 30 jun. 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, C. H. V.; CAVALCANTI, M. T.; FERREIRA, A. P. “Abre a Câmera, por Favor!”: Aulas Remotas no Ensino Superior, uma Abordagem Fenomenológica. **EaD em Foco**, v. 11, n. 2, e1269, mar. 2021. Disponível em: <<https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1269>>. Acesso em: 02 jan. 2022.

SCHMIDT, B. *et al.* **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: a quarentena na COVID-19** - orientações e estratégias de cuidado. Rio de Janeiro: Fiocruz/CEPEDES, 2020. 15 p. Cartilha.

SOUZA, M. de J. A. Percepções de Qualidade dos Alunos de Aulas Remotas de Pós-graduação: o Estudo em uma IES do Estado do Pará. **EaD em Foco**, v. 10, n. 3, e1061, p. 1-13, 2020. Disponível em: <<https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1061>> Acesso em: 30 set. 2021.

VIEIRA, K. M. *et al.* Vida de Estudante Durante a Pandemia: Isolamento Social, Ensino Remoto e Satisfação com a Vida. **EaD em Foco**, v. 10, n. 3, e1147, p. 1-15, 2020. Disponível em: <<https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1147>> Acesso em: 16 set. 2021.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez. 2014. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

Aulas remotas e seu impacto na aprendizagem de estudantes de Psicologia

Resumo

Este estudo dispõe-se a discutir o processo de aprendizagem no ensino remoto emergencial em comparação às aulas presenciais de alunos de dois cursos de Psicologia no interior do Rio Grande do Sul. Para a coleta de dados quantitativos, foi aplicado um questionário via *Google Forms*. Os dados foram analisados no programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) for Windows 20.0. Não houve queda significativa na aprendizagem das disciplinas teóricas, com a modalidade remota. Para aqueles que

apontaram desempenho menor neste processo, podemos verificar as possíveis causas nas principais dificuldades elencadas pelos estudantes: falta de socialização com colegas e professores, a dificuldade de concentração, manter a produtividade e interferências externas.

Palavras-chave: aulas remotas; aprendizagem; pandemia; psicologia.

Remote classes and their impact on the learning of Psychology students

Abstract

This study aims to discuss the learning process in emergency remote teaching compared to face-to-face classes of students of two Psychology courses in the interior of Rio Grande do Sul. For the collection of quantitative data, a questionnaire was applied via Google Forms. Data were analyzed using the Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) for Windows 20.0 program. There was no significant drop in the learning of theoretical subjects, with the remote modality. For those who showed a lower performance in this process, we can verify the possible causes of the main difficulties listed by the students: lack of socialization with colleagues and teachers, difficulty concentrating, maintaining productivity and external interference.

Keywords: remote classes; learning; pandemic; psychology.

Las clases a distancia y su impacto en el aprendizaje de los estudiantes de Psicología

Resumen

Este estudio tiene como objetivo discutir el proceso de aprendizaje en la enseñanza remota de emergencia en comparación con las clases presenciales de estudiantes de dos cursos de Psicología en el interior de Rio Grande do Sul. Para la recolección de datos cuantitativos se aplicó un cuestionario a través de Google Forms. Los datos fueron analizados utilizando el programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) para Windows 20.0. No hubo caída significativa en el aprendizaje de materias teóricas, con la modalidad a distancia. Para aquellos que mostraron un desempeño más bajo en este proceso, podemos verificar las posibles causas de las principales dificultades enumeradas por los estudiantes: falta de socialización con colegas y profesores, dificultad para concentrarse, mantener la productividad e interferencias externas.

Palabras clave: clases a distancia; aprendizaje; pandemia; psicología.

Autores:

Jerto Cardoso da Silva

Maior titulação: Doutor

Instituição: UFRGS

Endereço eletrônico: jerto@unisc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4798-3756>

Endereço completo para correspondência: Av. independência, 2293 Bl 31, CEP: 96815-900 Santa Cruz do Sul – RS.

Bárbara Susanne Etges

Maior titulação: Graduada em Psicologia

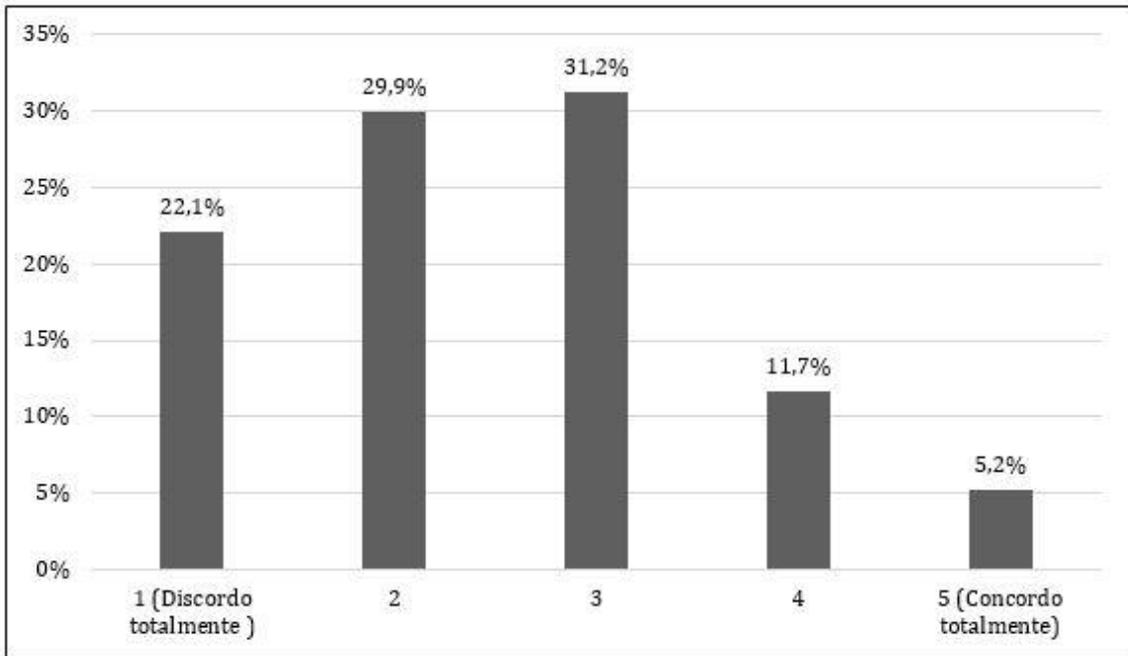
Instituição: Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Endereço eletrônico: barbaraetges@mx2.unisc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4333-3492>

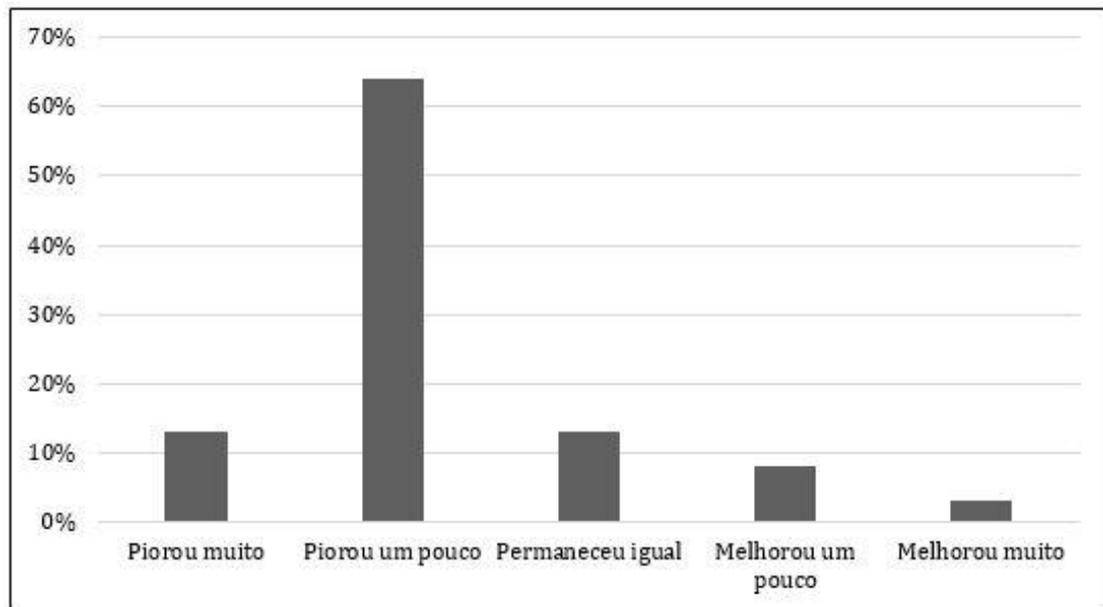
Endereço completo para correspondência: Av. Dom Alberto Etges, 9150, CEP: 96822-800, Santa Cruz do Sul, RS.

Gráfico 1 – Escala de comparação das aulas remotas com as presenciais na qualidade da aprendizagem.



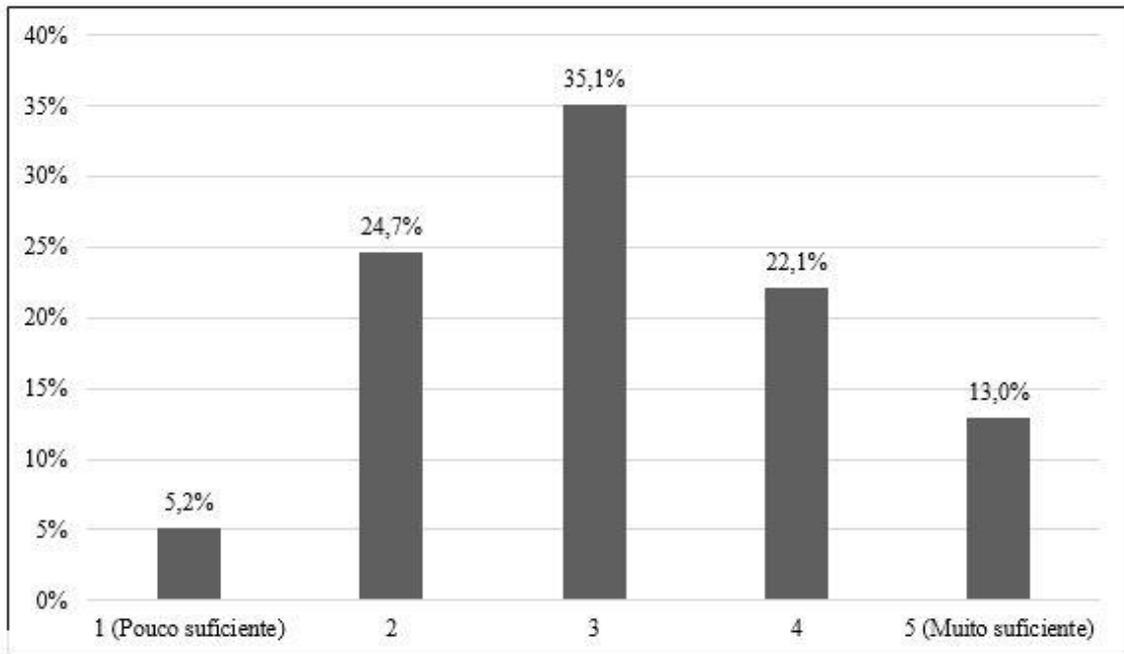
Fonte: elaborado pelos autores.

Gráfico 2 – Qualidade do ensino remoto comparado a aula presencial.



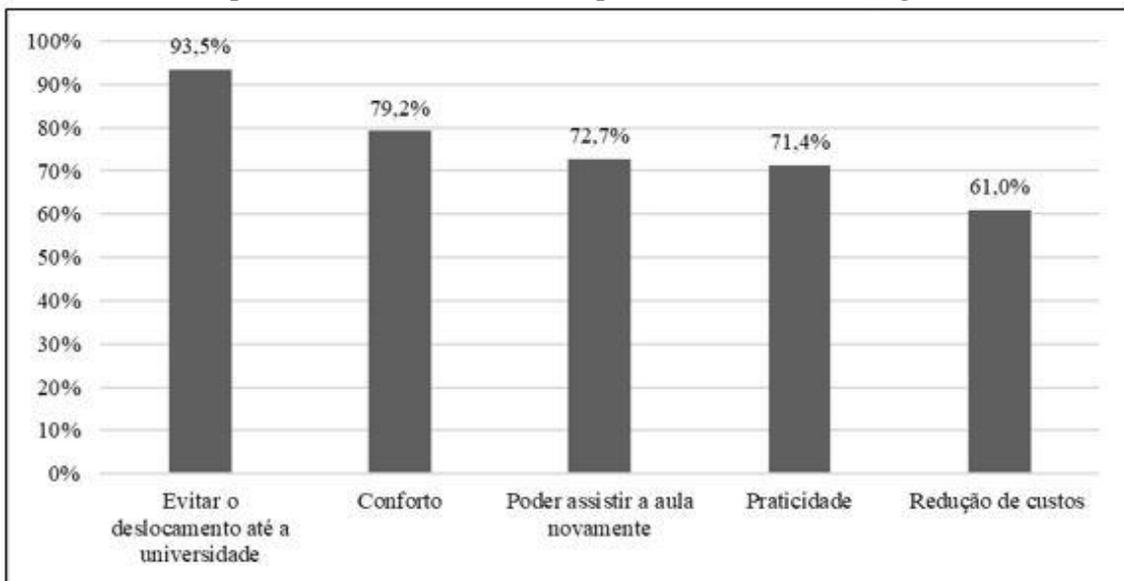
Fonte: elaborado pelos autores.

Gráfico 3 – A forma como os conteúdos foram ministrados durante as aulas remotas foram o suficiente para adquirir um bom conhecimento?



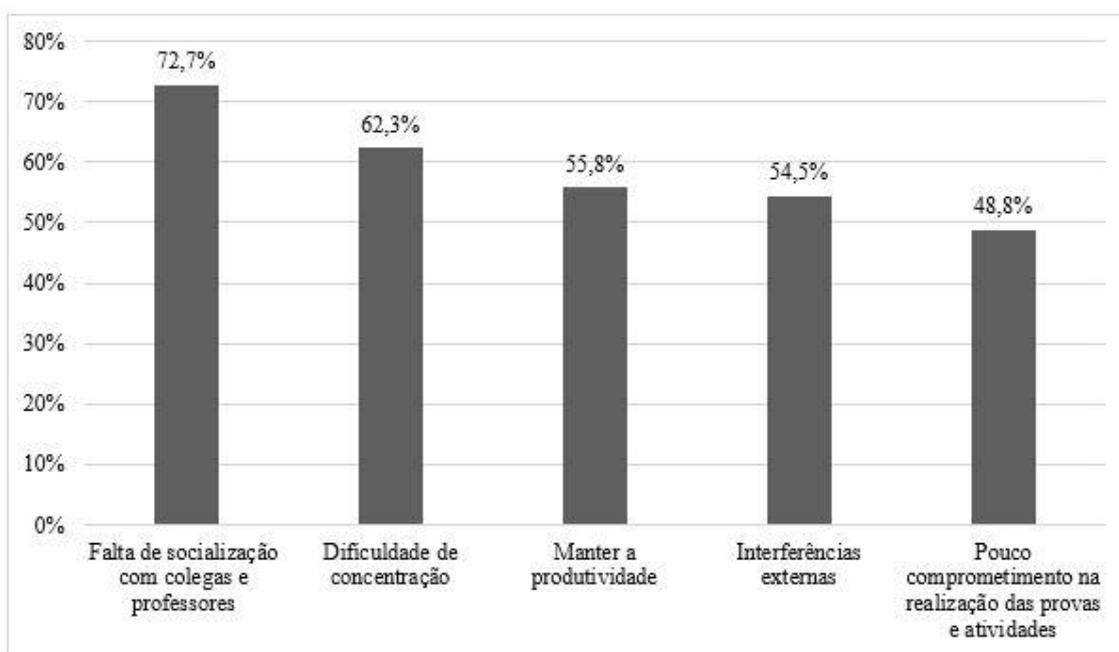
Fonte: elaborado pelos autores.

Gráfico 4 – Principais facilidade identificadas pelos alunos de Psicologia.



Fonte: elaborado pelos autores.

Gráfico 5 – As dificuldades que influenciaram as atividades e o ensino remoto.



Fonte: elaborado pelos autores.